

Sobre o Realismo na Literatura Indigenista

Lina Arao

Ao longo da história das sociedades latino-americanas, e sobretudo das hispano-americanas, o indígena tem figurado como importante tema literário, constituindo-se em um grande sistema que acompanha e se desenvolve paralelamente a outros, apresentando, conforme Ana Pizarro, modulações históricas: faz-se presente desde a conquista, com os relatos dos conquistadores e colonizadores, até as chamadas literaturas indianistas, indigenistas e neo-indigenistas.

A imagem representada do índio, portanto, vai transformando-se e adquirindo as características que os tempos e as ideologias vão lhe oferecendo, sendo construída a partir do olhar do escritor cujo universo cultural - ocidental, europeu - é muito distinto do indígena. Em razão dessa convergência de influências culturais várias e conflitantes é que Antonio Cornejo Polar caracteriza a literatura hispano-americana, e em especial a de representação do índio, como heterogênea: sob a escrita fundamentalmente européia, com sua forma própria de organização, existe um substrato cultural indígena que, embora irrompa de forma fragmentada e interpretada, imprime as marcas de sua influência.

Neste trabalho, focalizaremos a literatura indigenista, que teve espaço especialmente na região andina (Peru, Equador e Bolívia) na primeira metade do século XX, levando em conta algumas das características distintivas que sua condição heterogênea face à representação do índio produz no texto literário.

A literatura indigenista é produto do trabalho de escritores oriundos das classes médias que se consolidavam nas sociedades hispano-americanas e, segundo Ángel Rama, como todo grupo que conseguiu mobilidade, “estende a reclamação que formula a todos os demais setores sociais oprimidos e se faz intérprete de suas reclamações que

entende como próprias”¹. Tomando assim o papel de representantes maiores das camadas menos favorecidas socialmente, esses escritores elegeram os indígenas como tema de seus textos, elaborados como meio de denúncia e de rechaço às ideologias racistas das oligarquias rurais, que se sustentavam com o sistema de servidão dos índios.

A preocupação em apontar a exploração dos indígenas e sua situação de miséria imposta pelas classes dominantes andinas dotou as narrativas indigenistas de uma espécie de compromisso com uma representação fidedigna da realidade (que realidade?), ou seja, elas deveriam demonstrar aos seus leitores - que igualmente aos autores pertenciam, em geral, à camada intelectual média das sociedades - suficiente conhecimento sobre a população indígena. Nesse sentido, os romances indigenistas podem ser comparados com as crônicas de conquista e colonização das Américas, uma vez que ambos se inserem no longo e perene mecanismo de relações entre as vertentes culturais múltiplas que constroem as sociedades latino-americanas: a instância produtora das narrativas (tanto as de conquista quanto as indigenistas) procura dar conta e “interpretar” um outro universo (o indígena) através de seus próprios recursos estilísticos.

As crônicas de conquista apóiam-se na autoridade do narrador, em cujo discurso há uma profusão de verbos da ordem do “ver”, “enxergar”, o que lhe atesta um caráter “testemunhal” e lhe oferece uma suposta veracidade dos fatos narrados. Ademais, a atenção dispensada às longas descrições tecidas a partir de comparações constitui-se em outra importante característica: uma vez que o cronista precisa revelar um mundo desconhecido do seu leitor, as analogias tornam-se um recurso essencial para inserir o inédito no âmbito do imaginário conhecido pelo público das crônicas. A fim de desempenhar a dupla tarefa de narrar somente o que viu (e, portanto, nessa ótica, a

¹RAMA, A. (1987) p.142.

verdade dos fatos) e de ao mesmo tempo ter que interpretar ao seu público é que os cronistas então cotejavam, por exemplo, como nos aponta Cornejo Polar, a grande cidade inca de Cuzco com Roma.

Mecanismo semelhante encontramos nos romances indigenistas. Os escritores desse movimento literário enfatizam de várias maneiras o seu conhecimento sobre o que narram – paisagens, pessoas, costumes, hábitos, problematização sociopolítica dos povos indígenas – e a veracidade dos fatos. A literatura seria, para eles, veículo de representação de uma realidade nacional, antes propositadamente idealizada e distorcida ou esquecida, de modo que eles buscavam afastar-se do estilo romântico, desenvolvido durante o chamado Indianismo no século XIX. Nos romances indianistas, os personagens indígenas preenchem mais um pano de fundo para a história de um casal de amantes – que teria quase sempre fim trágico – do que se mostravam através de uma construção individualizada e materializada. Na verdade, as imagens exóticas do índio e da paisagem americanas foram utilizadas como símbolos do que se poderia considerar original nas nações em processo de surgimento e consolidação, não havendo questionamento acerca da posição de marginalidade dessa figura nacional autóctone nas nascentes sociedades hispano-americanas. É exatamente a denúncia dessa situação de exploração e penúria sob a qual vivem os indígenas das serras andinas que o crítico literário peruano Tomás Escajadillo propõe como uma das marcas que distingue os romances indigenistas dos indianistas.

Ainda conforme Escajadillo, somente o caráter denunciatório e o afastamento do estilo romântico não seriam suficientes mostras de que o romance é indigenista. O seu terceiro componente seria uma certa proximidade (talvez uma maior “familiaridade”) com o mundo recriado. O próprio crítico adverte sobre a abstração deste último

conceito², que, entretanto, pode ser basicamente explicitado quando o romance retrata “índios de carne e osso”³, ou seja, menos romanticamente idealizados. Escajadillo exemplifica esse caso com os *Cuentos andinos*, de Enrique López Albújar, mas poderíamos também incluir os indígenas de *Huasipungo*, de Jorge Icaza, cuja caracterização foge da abstração encontrada em *Cumandá*, de Juan León Mera, por exemplo, em que os índios aparecem borrados em meio à trama. No romance de Icaza, eles são os personagens principais e são retratados em sua miséria e exploração, como bem ilustra Antonio Sacoto: “O índio de Icaza é aquele que nasce [...] sob o calor de um fogão, em meio ao *huasipungo*, e vive submerso em uma semi-inconsciência de miséria e abandono [...]”⁴ Esses índios, muitas vezes exageradamente animalizados, não estão esmaecidos por um autor que não os quer ver.

A proximidade do mundo andino tem suas gradações, como observa Escajadillo, e, por conseguinte, o olhar de López Albújar sobre os índios parece menos penetrante e acurado se comparado ao do peruano Ciro Alegría; da mesma forma, o mundo indígena aparece muito superficial e unilateralmente retratado em Icaza se cotejado com o de um José María Arguedas, só para citar o exemplo mais extremo, uma vez que este é considerado pelos críticos como o autor que melhor soube adentrar na “alma” do índio, mesclando a língua espanhola ao *quechua* e buscando aproximar-se da cosmovisão indígena. Escajadillo vai além e afirma que Arguedas foi quem fundiu, mais eficientemente, o “eu” do narrador ao “eles” do referente, enquanto que na maior parte das narrativas indigenistas há um narrador onisciente e observador apartado do objeto

² Quando nos remetemos à questão da heterogeneidade da literatura indigenista, desenvolvida por Cornejo Polar, verificamos que a proposta de Escajadillo deve ser utilizada com cautela: a aproximação do narrador ao universo indígena é relativa em qualquer romance indigenista, dadas as profundas diferenças entre a instância produtora e receptora da obra e o seu referente.

³ ESCAJADILLO, T. (1994) p.44. “Índios de carne y hueso”.

⁴ SACOTO, A. (1991) p.256. “El índio de Icaza es aquel que nace [...] al calor de un fogón, en medio del huasipungo, y vive hundido en una semi-inconsciencia de miseria y abandono [...]”

narrado.

Em todo caso, o que sobressai tanto na análise do que Escajadillo considera romance indigenista quanto no que os próprios escritores indigenistas afirmam e reafirmam em diversas observações sobre suas obras é essa tentativa arraigada de se aproximar cada vez mais de uma “realidade” indígena, que, no entanto, não pode nunca ser apreendida em sua totalidade, uma vez que atravessa toda a rede de interpretações e representações próprias de cada autor, que a recria à sua maneira. No Primeiro Encontro de Narradores Peruanos, realizado em Arequipa no ano de 1965, Ciro Alegría ressalta a orientação realista de sua obra, mostrando que nela se entrevê os rastros de episódios autobiográficos, e diz: “mis primeras vivencias novelescas las he vivido en el pueblo norteño del Perú, un pueblo indo-hispánico, mestizo, donde el indígena ya no se traduce a través del quechua pero si a través de una sensibilidad [...] influida por elementos hispánicos”⁵. Seu depoimento, por um lado, informa sobre seu conhecimento acerca das comunidades indígenas do norte peruano, o que legitima a “realidade” e a tal “proximidade” sobre a qual escreve Escajadillo com relação ao universo indígena; por outro lado, chama atenção ao fato de que os índios presentes em seus romances já não estão totalmente encerrados em uma cultura predominantemente *quechua*, justificando a falta que a crítica e muitos leitores sentiram da inserção de vocábulos e expressões em *quechua* nas vozes de seus personagens indígenas.

Com referência à última observação, cabe ressaltar que nos romances indigenistas a linguagem também é um elemento importante nessa tentativa de apreensão da realidade: em grande parte dessas narrativas, utiliza-se uma linguagem que se quer mais próxima daquela falada pelas camadas médias e populares e que se afaste do castiço e formal, usada nos textos literários da tradição modernista

⁵ ALEGRÍA, C. (1986) p.32.

hispano-americana. De acordo com Cornejo Polar, a construção desse novo estilo de linguagem por Jorge Icaza e outros escritores indigenistas estava relacionada à

convicção [...] de que a linguagem [...] representava com fidelidade a índole profunda do real. Em certo sentido, como se a tradição modernista tivesse instalado um mecanismo artificial que separava a linguagem do seu referente, os narradores realistas sociais das primeiras décadas deste século creram reinstalar uma continuidade sem fissuras entre as palavras e as coisas.⁶

Em *Huasipungo*, a linguagem está marcada sobretudo por murmúrios, interjeições, gritos e palavras em *quechua* depois explicadas em um glossário posto ao final do romance, recurso também empregado pelo boliviano Alcides Arguedas em seu romance *Raza de bronce*, publicado em 1919, considerado iniciador do Indigenismo na literatura boliviana, no qual os vocábulos de origem aimará intercalados de forma isolada em meio ao discurso têm seus significados depois explicitados. Assim como os indigenistas procuravam dar conta de uma realidade relacionada à temática escolhida (a situação “nua e crua” do referente, sem lugar para idealizações e eufemismos), eles também buscavam uma espécie de “transparência” da linguagem, que do mesmo modo pudesse conduzir os leitores a um plano extra-literário, camuflando a recriação e a interpretação muito particular desse universo indígena plural que operavam por sobre essa “realidade” almejada.

É interessante atentar também para o depoimento do peruano José María Arguedas, em que ele afirma ter começado a escrever motivado pelo estranhamento que lhe causavam os textos de López Albújar ou de García Calderón que, a seu ver, haviam “desfigurado el índio”⁷ uma vez que mal os conheciam, se é que algum dia haviam realmente convivido com eles. Diz Arguedas: “yo lo tengo que escribir tal cual es, porque yo lo he gozado, yo lo he sufrido”⁸. Fica claro que, para Arguedas, seu

⁶ CORNEJO POLAR, A. (1994) p.171.

⁷ ARGUEDAS, J.M. (1986) p.41.

⁸ Ibidem, p.41.

conhecimento sobre os índios permitia que se aproximasse mais do “real” a que os textos literários almejavam referir-se, embora o caso dos romances arguedianos seja diferente dos outros considerados indigenistas tradicionais ou ortodoxos na medida em que Arguedas não somente quis alcançar a realidade através de sua literatura, como também recriou-a através de uma linguagem transculturadora, em que logrou inventar um “idioma”, que, conforme Cornejo Polar, “se faz através de uma matriz sintática *quechua* que logo se realiza lexicamente em espanhol”.⁹ Através de uma linguagem construída a partir da dupla influência cultural que compõe o cerne das sociedades hispano-americanas, Arguedas talvez tenha atingido o ponto nevrálgico de toda a discussão, ou seja, a representação de uma população que não se pode mais considerar nem totalmente indígena e nem espanhola, aquela em que precisam conviver duas culturas e de forma não pacífica e pacificadora. Mais do que simplesmente ocultar as múltiplas características desse universo através da tão buscada capacidade mimética da literatura e de sua linguagem (por meio do uso dos vocábulos em língua indígena incrustados no discurso em espanhol), Arguedas revelou em sua nova e recriada linguagem o complexo diálogo entre culturas díspares e entre a “realidade” e a literatura.

A obsessão dos escritores indigenistas pela literatura realista absoluta, reprodução transparente de uma realidade extra-literária, serviu aos seus propósitos reivindicatórios, para anunciar e denunciar veementemente os problemas das comunidades indígenas marginalizadas. Tal opção, no entanto, evidencia a heterogeneidade dessa literatura, na qual as “realidades” do autor e leitor e do referente são muito distantes, de modo que o “real” buscado não pode ser depreendido.

⁹ CORNEJO POLAR, A. (2000) p.174.

Referências Bibliográficas:

ALEGRÍA, C., ARGUEDAS, J. M. et al. *Primer encuentro de narradores peruanos*. 2ª ed. Lima: Latinoamericana Editores, 1986.

CORNEJO POLAR, Antonio. *Escribir en el aire*. Lima: Editorial Horizonte, 1994.

-----, *O condor voa: Literatura e Cultura Latino-Americanas*. Org. Mario J. Valdés. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

ESCAJADILLO, Tomás. *La narrativa indigenista peruana*. Lima: Amaru, 1994.

PIZARRO, Ana (Org). *La literatura latinoamericana como proceso*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.

RAMA, Angel. *Transculturación narrativa em América Latina*. 3ª ed. México: Siglo XXI, 1987.

SACOTO, Antonio. Jorge Icaza: el indigenismo ecuatoriano. In: *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*. Lima, ano XVII, no.33, 1º. sem. 1991, pp. 253-259.